

## **DUAS LEITURAS SOBRE “A TAREFA DO TRADUTOR” DE WALTER BENJAMIN**

Josalba Ramalho Vieira  
Colégio de Aplicação - UFSC

O TEXTO “A TAREFA DO TRADUTOR” de Walter Benjamin surgiu em 1923, como prefácio às suas próprias traduções de poemas de Baudelaire<sup>1</sup>. Esta introdução pode ser encarada como um texto de um filósofo que, tendo passado pela experiência tradutória, deseja refletir sobre ela. Talvez por se tratar de uma voz de pensador falando sobre tradução, esse texto, que não tem mais que quinze páginas, suscite tantas considerações ao ponto de se tornar um texto clássico. Escrever sobre o ensaio de Benjamin passou a ser quase um ritual de iniciação para quem deseja falar sobre tradução. Muitos já são os iniciados, dentre os quais destaco Paul de Man e Jacques Derrida. Tanto um como o outro cumprem com o ritual de iniciação ao escreverem sobre o texto clássico, no entanto o fazem sob perspectivas distintas.

O objetivo deste trabalho é demonstrar como Paul de Man e Derrida, apesar de compartilharem certos pressupostos teóricos acerca da linguagem, chegam a diferentes leituras do texto “A Tarefa do Tradutor”. Pretende-se ainda mostrar que estas diferenças de leitura se dão graças ao caráter intrinsecamente contraditório do conceito de origem em Benjamin, que possibilita que um eleja um aspecto do texto, enquanto o outro opte por um que lhe é totalmente oposto. Para melhor entender as opções desses autores faz-se necessário remontar ao conceito de origem dentro do pensamento filosófico de Benjamin.

Para a maioria dos intérpretes de Benjamin, o conceito de origem designaria um lugar privilegiado no qual se dá uma negação da modernidade, porque nele convergem tanto o impulso restaurador como o desejo vanguardista que caracterizam a filosofia benjaminiana

de história. O conceito de origem, como o entende Benjamin, exige tanto um retorno a uma harmonia anterior como uma reconsideração utópica deste momento perdido<sup>2</sup>. Os comentadores da obra de Benjamin são unânimes em perceber a contradição entre os aspectos nostálgico e revolucionário do pensamento do filósofo alemão. Uns tentam resolver essa contradição optando por um dos aspectos, outros tentam mostrar que esta contradição é fundamental para a estruturação do pensamento de Benjamin, e como tal não pode ser eliminada.

De acordo com Jeanne Marie Gagnebin, há três aspectos fundamentais que embasam o conceito de origem em Benjamin: 1) a oposição entre ‘origem’ e ‘gênese’; 2) definição de origem como restauração inacabada e aberta; 3) a ligação entre ‘origem’ e ‘destruição’<sup>3</sup>.

A primeira característica, a oposição entre origem e gênese, revela uma busca de uma temporalidade diferente daquela na qual o tempo é linear, pois a noção de origem deve atender às seguintes condições: que a estrutura do presente permita a atualização de um evento do passado, e que se quebre a linha de tempo cronológico para que se operem cortes no discurso linear da história. A palavra “origem” em alemão (*Ur-sprung*) também quer dizer “primeiro salto”, por isso Benjamin considera a noção de origem como “saltos” ou “recortes inovadores” que interrompem a monotonia da história oficial. Esses saltos pretendem salvar o passado esquecido, porém a salvação não se instaura nem exclusivamente pelo retorno a uma verdade perdida, nem mesmo somente por um desdobramento em direção ao progresso<sup>4</sup>. Através desses dois aspectos simultaneamente é que ela se instaura.

A segunda característica, que define a origem como restauração inacabada e aberta, demonstra que a origem remete a um passado, mas isto só se dá através da mediação, da lembrança ou da leitura dos signos. Dessa forma, não poderia haver reencontros imediatos com o passado. Ou seja, o conceito de origem traz em si um movimento de reestruturação e reprodução, mas também de incompletude. A restauração indica, desde já, o reconhecimento da perda. Benjamin diz que o movimento da origem só pode ser reconhecido “por um lado, como restauração e reprodução, e por outro, e por isso mesmo, como incompleto e inacabado”<sup>5</sup>.

A terceira característica, a ligação entre origem e destruição, se explica pelo fato de que a obra de salvação da origem é, ao mesmo tempo, dispersão e reunião, destruição e construção<sup>6</sup>. A noção de

origem em Benjamin se revela profundamente histórica, porque a restauração da origem não pode se completar por um pretense retorno às fontes, mas unicamente pelo estabelecimento de uma ligação nova entre o passado e o presente.

Este movimento de restauração e dispersão que constitui a origem caracteriza vários momentos essenciais da filosofia benjaminiana, inclusive sua teoria sobre a tradução. No ensaio “A tarefa do Tradutor”, Benjamin afirma que a multiplicidade de línguas é o signo da sua incompletude e transitoriedade, pois cada língua traz em si apenas uma promessa de completude. Assim, a tarefa do tradutor é “salvar na língua materna, a língua pura que está sob o feitiço de uma língua estrangeira<sup>7</sup>. O tradutor deve liberar a língua aprisionada numa obra estrangeira através da sua nova criação desta mesma obra na língua materna. Libertar a língua pura é romper as barreiras decadentes da própria língua. A tradução para Benjamin, como diz Flávio Kothe, “é algo como uma trans-construção do original, uma recriação interpretativa dele, tocando-o como uma tangente toca um círculo, em um só ponto”<sup>8</sup>. Nesse sentido, todas as línguas são, ao mesmo tempo, insuficientes e verdadeiras. Na tradução, a dinâmica da origem e a necessidade de destruição se encontram, porque na tradução rompe-se a ordem habitual da língua materna, para que se manifeste nela a ordem do original, ou seja, a língua pura.

Como vimos acima, o conceito de origem benjaminiano, que também influencia sua idéia sobre tradução, contém características bastante contraditórias que poderiam ser resumidas em duas vertentes opostas: uma, caracterizada pelo aspecto revolucionário de dispersão, quebra, salto e abertura; e a outra, marcada pelo lado nostálgico de restauração, salvação e retorno.

Paul de Man opta pelo caráter revolucionário do conceito de origem de Benjamin, mas faz da sua própria leitura do ensaio do pensador alemão um movimento de resgate. De Man tenta, em “Sobre ‘A Tarefa do Tradutor’” de Walter Benjamin, nos convencer de que Benjamin, já em 1923, antecipa uma visão descentralizadora sobre o conceito de origem e, conseqüentemente, sobre a tarefa do tradutor<sup>9</sup>. Paul de Man deseja trazer o texto de Benjamin para dentro da sua própria visão de linguagem, isto é, ele quer ler no conceito de origem benjaminiano a descanonização do original: “A tradução canoniza, congela um original, e também mostra no original uma mobilidade, uma

instabilidade que não se reparou a princípio”<sup>10</sup>. Assim como a crítica, ou a história, “revelam que o original esteve sempre já desarticulado ... matam o original ao descobrir que o original já estava morto”<sup>11</sup>. Ou seja, a tradução, ao mesmo tempo que desarticula e desfaz o original, revela que o original esteve desde sempre desarticulado. A tradução mostra que a sensação de malogro que o tradutor sente está não no fato de a tradução ser considerada secundária, mas sim no malogro original, na desarticulação que já se encontrava no original.

Seguindo o percurso que Paul de Man faz na sua leitura do texto de Benjamin, destacarei dois aspectos que se revelam problemáticos: o primeiro diz respeito à impossibilidade de traduzir; o segundo está ligado às imagens do poeta e do tradutor.

No seu ensaio, Paul de Man se baseia principalmente na comparação de traduções para o inglês e o francês do texto em alemão de Benjamin na tentativa de explorar o que seria a impossibilidade de traduzir. Ele pretende demonstrar que o texto de Benjamin é uma prova desta impossibilidade. No entanto, as comparações entre as traduções e o original não revelam o aspecto descanonizador, pelo qual De Man tinha optado, do texto de Benjamin. Ao contrário, as comparações feitas servem para mostrar o aspecto sagrado, intocável do original. De Man canoniza o texto de Benjamin e o coloca acima das investidas dos tradutores. Ora, essa atitude parece paradoxal já que De Man deseja ver no texto de Benjamin a tese de descanonização do original.

O segundo aspecto problemático na leitura que De Man faz é, justamente, a análise sobre o tom messiânico embutido na imagem do poeta como figura sagrada. Para manter-se fiel à sua opção, e ser capaz de ler em Benjamin um pensador descentralizador e dessacralizador, Paul de Man acaba por negar tanto o aspecto profético da imagem do poeta quanto a idéia da língua pura. Ora, tais negações só são possíveis porque De Man ignora os trechos nos quais Benjamin se inclina para o lado teológico (em especial, o judaico) do conceito de origem.

Ainda no propósito de permanecer fiel à sua própria leitura de Benjamin, Paul de Man explica porque a figura do tradutor, e não a do poeta, é escolhida por Benjamin para ser o centro do artigo. Isso se deveria ao fato de o tradutor ser sempre falho e de nunca poder fazer o que o original faz. Por isso, o tradutor seria sempre obrigado a

desistir da tarefa de encontrar o que havia no original (é bom lembrar que a palavra *Aufgabe* pode ser lida como “tarefa”, mas também como “desistência”). Ainda aqui a leitura de Paul de Man parece problemática, pois, apesar de concordar com o fato de Benjamin poupar a figura do poeta, mantendo-o intocado e colocando o tradutor na berlinda, mantém sua opção pelo aspecto revolucionário do conceito de origem. Para ele, a tradução se assemelha à filosofia ou à história, pois não imita, nem reproduz o original do qual deriva, mas o desarticula.

A leitura que Paul de Man faz desse texto de Benjamin parece uma espécie de tributo ao pensador alemão, pois quer homenagear Benjamin enxergando nele sua própria visão sobre tradução — tradução como desconstrução de originais essencialmente incompletos<sup>12</sup>. O texto de Paul de Man opta pelo aspecto vangardista da noção de origem em Benjamin e procura apontar-lhe um cerne desconstrutivista. Porém, contraditoriamente, o percurso adotado por Paul de Man canoniza o original de Benjamin e desqualifica as traduções feitas a partir do original em alemão. Isto indica que Paul de Man faz, na prática, uma leitura conservadora e, na teoria, uma leitura revolucionária do texto de Walter Benjamin.

Jacques Derrida, em “Des Tours des Babel”, tomando o papel oposto ao de Paul de Man, tenta demonstrar que no cerne do texto “A tarefa do tradutor” está o aspecto nostálgico do conceito de origem<sup>13</sup>. O percurso da leitura de Derrida passa pelo mito babélico e pela noção de texto poético.

A análise do mito babélico leva Derrida a concluir que o pecado dos homens pré-babélicos foi querer construir um nome humano e impor uma nova ordem na terra<sup>14</sup>. Derrida mostra um Deus humanizado que, ao descobrir a insubordinação dos homens, envenena o projeto de construção da torre, semeando confusão e impondo seu nome e sua ordem — a palavra Babel/bavel quer dizer tanto o nome próprio “Deus” como o nome comum “confusão”<sup>15</sup>. Ressentimento e ciúme divinos destróem a torre e a unidade lingüística dos homens. “Ele ao mesmo tempo impõe e proíbe a tradução”. Esse castigo divino serve para lembrar aos homens que o poder de construir um nome e impor uma ordem é exclusivamente divino. Derrida conclui sua leitura do mito de Babel enfatizando que não é possível se falar da língua de fora dela, que não há um lugar privilegiado de onde se possa falar. Por isso, é imprescindível que ocorra confusões babélicas

na tradução, pois, necessária após Babel, a tradução é, ao mesmo tempo, possível e impossível.

Após a leitura do mito de Babel, Derrida admite que deveria comentar, não o texto “A Tarefa do Tradutor”, mas outro ensaio de Benjamin chamado “Sobre a Língua em Geral e Sobre a Língua do Homem”, de 1916, pois nesse texto Benjamin faz uma extensa referência ao mito de Babel e uma teoria do nome próprio. É curioso que Derrida não ouse enfrentar a leitura que Benjamin faz do mito babélico. Talvez Derrida incorpore mais da leitura de Benjamin do que pode admitir. Porém essa é uma questão para ser desenvolvida em outra ocasião.

Para Derrida, não existe tradução no sentido de resgate, ela será sempre um suplemento, um acréscimo que nunca complementarizará o original, posto que é irremediavelmente incompleto. Daí estarem tradução e original sempre ligados por uma dívida mútua. Até aqui Derrida poderia estar repetindo a contraditória noção de origem de Benjamin. No entanto, podem-se vislumbrar algumas diferenças. No momento em que Derrida revela a base escolástico-fenomenológica que sustenta a visão que Benjamin tem sobre o texto poético, percebe-se que Derrida opta por privilegiar o caráter nostálgico e conservador da noção de origem de Benjamin. Derrida estabelece ligações entre a lei divina, que proíbe os homens de se dar um nome, a lei de Benjamin, que proíbe o tradutor de fazer o que fez o autor do original, e a lei do *copyright*, que proíbe que se façam cópias de um texto legalizado como original.

Ao escolher o aspecto nostálgico da noção de origem em Benjamin, Derrida se opõe diretamente à leitura de Paul de Man. Para Derrida, Benjamin vê o texto poético como algo intocável, como um simulacro de uma verdade imutável. Sendo assim, Benjamin não pode ser lido como um dessacralizador ou descentralizador de originais. O percurso que Derrida faz para ler Benjamin é destruidor e revolucionário, ao contrário daquele percorrido por Paul de Man. Derrida começa desconstruindo o mito de Babel e humanizando Deus e vai terminar por desconstruir o misticismo embutido na noção de origem de Benjamin. Derrida parece desejar, revolucionariamente, tomar ele próprio o lugar divino de desconstrutor, quer seja do mito de Babel, quer seja do mito de Benjamin. Concluindo, Derrida e De Man passam pelo mesmo ritual de iniciação ao comentar o texto clássico de Benja-

min, mas enquanto Paul de Man se submete ao messianismo do texto sagrado, Derrida rebela-se e tenta fazer sua própria escritura.

NOTAS

1. W. Benjamin, “The Task of the Translator”, *Illuminations*, (ed. Hannah Arendt, trad. Harry Zohn), N. Y.: Schocken Books, 1978. Citações traduzidas por mim.

2. J. M. Gagnebin, “Notas sobre as Noções de Origem e Original em Walter Benjamin”, 34 Letras, 516, setembro, 1989, p. 285.

3. Gagnebin, op. cit., 287.

4. Gagnebin, op. cit., p. 288.

5. W. Benjamin, *Origem do Drama Barroco Alemão*, (trad. Sérgio Paulo Rouanet), São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 68.

6. Gagnebin, Op, cit., p 112.

7. “Benjamin, “The Task of the Translator”, p. 80.

8. Kothe, *Para Ler Benjamin*, Rio: Francisco Alves, 1976. p. 63.

9. De Man, “Sobre ‘A Tarefa do Tradutor’ de Walter Benjamin”, *A Resistência à Teoria*, Lisboa: Edições 70, 1979.

10. De Man, op. cit., p. 112.

11. De Man, op. cit., p. 113.

12. Ver Shoshana Felman, “Paul de Man’s Silence”, *Critical Inquirer*, University of Chicago Press, 15, pp. 704 - 44.

13. Derrida, “Des Tours de Babel”, in J. Graham (ed.) *Difference in Translation*, Ithaca: Cornell University Press, 1985.

14. Derrida, op.cit., p. 169.

15. Derrida, op. cit., p. 172.

16. Derrida, op. cit., p. 170.